

COLEÇÃO **PENSAR A AMÉRICA LATINA E O CARIBE**

LIVRO II ESTADO E LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA: SOCIEDADE, ECONOMIA E POLÍTICA

ORGANIZADORAS

VIVIAN URQUIDI

MARGARIDA NEPOMUCENO

MAYRA COAN LAGO

JOANA DE FÁTIMA RODRIGUES

RITA DE CÁSSIA MARQUES LIMA DE CASTRO

SABRINA RODRIGUES

FAPESP

PROLAM
editora



COLEÇÃO
PENSAR A AMÉRICA LATINA E O CARIBE

ESTADO E LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA:
SOCIEDADE, ECONOMIA E POLÍTICA

LIVRO II

PROLAM
editora

Copyright © 2019 dos organizadores e autores dos textos

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais. A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores, os quais também se responsabilizam pelas imagens utilizadas.



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Estado e lutas sociais na América Latina [livro eletrônico] : sociedade, economia e política / organização Vivian Urquidí ... [et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo : PROLAM/USP, 2019.
1.438 KB ; PDF

Bibliografia
Vários colaboradores.
ISBN 978-85-88376-04-5

1. Ciências políticas 2. Ciências sociais 3. Economia - América Latina 4. Pensamento político 5. Relações internacionais - Aspectos políticos I. Urquidí, Vivian.

20-47157

CDD-320

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências políticas 320

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**VOLUME II:
SOCIEDADE EM MOVIMENTO**

PARTE I

**AMÉRICA LATINA EM MOVIMENTO:
LUTAS SOCIAIS E RESISTÊNCIA**

O artista e sua importância na constituição de uma narrativa identitária para a comunidade LGBT

Luiz Roberto de Almeida*
Lucilene Cury**

Introdução

LGBT é a sigla utilizada para representar pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, travestis e transexuais. Diante da falta de consenso sobre as diferenças entre as denominações transgênero, travesti, transexual, ou qualquer outra denominação que se refira à transgeneridade, e da preocupação em não hierarquizar essas diferentes identidades, este trabalho utiliza o termo trans como forma de referenciar todas essas identidades não-cisgênero, com exceção somente em relação a pessoas não-binárias. Para saber quais são os sujeitos que compõem a comunidade LGBT é necessário entender a separação entre anatomia sexual, identidade de gênero e orientação sexual. Ao nascer, uma pessoa tem sua identidade de gênero (mulher ou homem) designada pela sociedade com base em sua anatomia sexual. Uma pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi designado é considerada cisgênero. Pessoas que não se identificam com o gênero atribuído, ou seja, sua identidade de gênero difere de sua anatomia sexual, são consideradas transgênero, transexuais ou travestis. Quem não se identifica com nenhum gênero ou se identifica com ambos é considerado não-binário. Uma outra questão é a orientação sexual. Quando uma pessoa se sente atraída sexualmente somente por outras com a identidade de gênero oposta, é heterossexual. Se há atração sexual somente por pessoas com a mesma identidade de gênero, ela é homossexual. E bissexual no caso da atração por ambos os gêneros. Existem ainda outras questões que englobam mais pessoas da comunidade, mas que não serão discutidas neste trabalho porque não entram no recorte dos sujeitos entrevistados na pesquisa de campo.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP). E-mail: luiz.rob@gmail.com

** Profa. Dra. Associada da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). E-mail: lucilene@usp.br

Com base na obra de Lacan, Stuart Hall (2014, 2015) e Woodward (2014) falam que nossas identidades são formadas por processos psíquicos e simbólicos do inconsciente.

Ela [a identidade] permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento [...] ‘preenchida’ a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (Hall, 2015, p. 23-24).

Como argumenta Bauman (2005), ter uma identidade ou “portar uma identidade” é uma batalha constante, um objetivo, uma tarefa sem finitude de uma vida toda, em busca de pertencimento. Além disso:

A identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, [...] e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros. [...] Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam (Bauman, 2005, p. 44).

A população LGBT é estereotipada, humilhada, desumanizada e estigmatizada até o nível mais violento possível. Excluída do convívio familiar, da escola e das demais instituições, abandonada pelo Estado e exposta à violência tanto psicológica quanto física, parte da comunidade LGBT não tem direito à identidade humana. Bauman (2005, p. 82) apresenta o conceito de identidade como “um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora)”. Essa batalha fervorosa na busca por uma identidade, que aflige a todos os sujeitos na modernidade tardia, é vivenciada com muito sofrimento pela comunidade LGBT. Sujeitos trans, por exemplo, lutam uma guerra composta por batalhas de vários níveis, incluindo aquela representada pelo simples ato de sair de casa e se locomover. Sobreviver é uma vitória diária. A luta por identidade, por meio da busca por identificação e pertencimento a uma comunidade, vem do desejo de segurança e de abrigo. Este trabalho discute, portanto, o que pode ser feito para dar abrigo aos sujeitos da comunidade LGBT.

Referencial teórico

Como argumentam Silva (2014) e Woodward (2014), as afirmações das identidades não fariam sentido em um mundo homogêneo porque a identidade, assim como a diferença, é produzida a partir da diferenciação, é uma criação social e cultural. “A

identidade é simplesmente aquilo que se é [...] A diferença é aquilo que o outro é” (Silva, 2014, p. 74). Esse processo de diferenciação faz parte de relações de poder que visam criar hierarquias sociais e culturais. Afirmar identidades e apontar diferenças faz parte da disputa pelos recursos simbólicos e materiais da sociedade. Quem detém o poder da diferenciação detém também o privilégio de classificar. No que tange às questões de gênero e sexualidade, no processo histórico, a cisgeneridade e a heterossexualidade foram normalizadas. Elas não são uma identidade, são a identidade “natural”, desejável, o parâmetro a partir do qual as outras identidades foram classificadas como diferentes e hierarquizadas em níveis abaixo da norma. “É a sexualidade homossexual que é ‘sexualizada’, não a heterossexual” (Silva, 2014, p. 83).

A construção da identidade normalizada se dá a partir do apontamento das diferenças à norma. A diferença é sustentada pela exclusão. Trata-se de um processo de criação de fronteiras dos que pertencem e dos que não pertencem. Identidade e diferença são, portanto, codependentes. “A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (Silva, 2014, p. 79). A construção da identidade cisgênero heterossexual depende, portanto, da exclusão da possibilidade de existência cisgênero homossexual, trans ou não-binária. Esses sujeitos não têm garantida a possibilidade de existência enquanto sujeitos sociais e culturais. Como aponta Silva (2014), outro fator importante quanto à construção da identidade e da diferença é que elas têm que ser nomeadas. Dessa forma, o entendimento da possibilidade de existência como sujeitos fora da norma social vigente cisgênero heterossexual depende da afirmação da diferença, não somente como diferença, mas como uma identidade válida.

Para falar sobre a construção da identidade a partir da identificação, Woodward (2014) e Stuart Hall (2014, 2015) tomam como base a obra de Lacan, que afirma que a criança começa a entender o “eu” quando toma consciência de que é um corpo separado da mãe. “De acordo com Lacan, o primeiro encontro com o processo de construção de um ‘eu’, por meio da visão do reflexo de um eu corporificado, de um eu que tem fronteiras prepara, assim, a cena para todas as identificações futuras” (Woodward, 2014, p. 64). No decorrer da vida “o sujeito ainda anseia pelo eu unitário e pela unidade com a mãe da fase imaginária, e esse anseio, esse desejo, produz a tendência para se identificar como figuras poderosas e significativas fora de si próprio” (Woodward, 2014, p. 65). Assim, a hipótese da pesquisa é que os artistas LGBT seriam figuras com as quais as pessoas que não se entendem dentro da norma social cisgênero heterossexual pudessem se identificar e, dessa forma, entender a possibilidade de existência como sujeitos cisgênero homossexuais, trans ou não-binários. A identificação com pessoas que passam por vivências semelhantes ajudaria a despertar o sentimento de pertencimento a uma comunidade, o que traz conforto psicológico para o sujeito LGBT.

Essa comunidade dos sonhos é uma extrapolação das lutas pela identidade que povoam suas vidas. É uma “comunidade” de semelhantes na mente e no comportamento; uma comunidade do mesmo – que, quando projetada na tela da conduta amplamente replicada/copiada, parece dotar a identidade individualmente escolhida de fundamentos sólidos que as pessoas que escolhem de outra maneira não acreditariam que possuísem. Quando monotonamente reiteradas pelas pessoas em volta, as escolhas perdem muito de suas idiossincrasias e deixam de parecer aleatórias, duvidosas ou arriscadas: a tranquilizadora solidez de que sentiriam falta se fossem os únicos a escolher é fornecida pelo peso impositivo da massa (Bauman, 2003, p. 61).

Metodologia

Foi necessário pensar alguns critérios para selecionar os artistas elegíveis para a pesquisa de campo. O primeiro critério utilizado foi desconsiderar artistas *mainstream*, ou seja, artistas que se apresentam nas mídias massivas porque a vivência desses artistas toma um âmbito nacional ou até internacional que foge do recorte das cidades de Buenos Aires e de São Paulo. O segundo critério tratou da presença da temática LGBT no material artístico. Por exemplo, um músico cisgênero homossexual que não tratasse desse tema em suas letras, ou um ator cisgênero homossexual que não representasse um personagem LGBT, não seriam elegíveis. Havia necessidade de que a temática LGBT fizesse parte do trabalho do artista e se conectasse com sua orientação sexual ou identidade de gênero para que essa característica ficasse evidente para o público, visto que é necessário que se estabeleça essa relação de identificação entre o artista e o público por meio do reconhecimento de uma mesma vivência LGBT. O terceiro critério foi utilizado somente em relação a artistas selecionados por sua orientação sexual com o objetivo de identificar artistas que não reforçassem estereótipos ligados à sua identidade de gênero, já que o objetivo era encontrar artistas que representassem outras formas de ser e de existir diferentes da normal social, que aceita melhor, por exemplo, um homem cisgênero homossexual cuja expressão de gênero é composta em sua totalidade por elementos masculinos. Seriam elegíveis, por exemplo, somente sujeitos cisgênero homossexuais que trabalhassem de alguma forma com elementos do universo contrário à sua identidade de gênero em seu trabalho artístico ou que não representassem o estereótipo da construção social e cultura dos gêneros feminino e masculino.

A pesquisa de campo em Buenos Aires ocorreu em 2018 entre os dias 30 de agosto e 17 de setembro e foi possível entrevistar sete artistas. Em São Paulo foram entrevistados seis artistas em dois intervalos de tempo, de 26 de setembro a 6 de outubro e de 5 a 18 de dezembro. As entrevistas duraram cerca de 30 a 40 minutos cada e foram gravadas em áudio e vídeo.

Falta de figuras de referência

Os artistas foram questionados sobre a falta de figuras públicas ou de sua vida privada que também fossem sujeitos cisgênero homossexuais, trans ou não-binários, e, portanto, com as quais pudessem se espelhar, se inspirar ou se identificar no processo de entendimento de sua identidade de gênero ou orientação sexual. Figuras de referência que pudessem ajudá-los a entender melhor o que significavam esses sentimentos em discordância da norma social cisgênero heterossexual, através da percepção de que essas figuras passavam por questões semelhantes às deles. Os relatos apontaram com unanimidade para a falta dessas figuras de referência e como esse fator dificultou o processo de entendimento desses artistas como sujeitos diferentes da norma cisgênero heterossexual, seja na questão da homossexualidade – “eu senti muita falta, sem dúvida, foi bem horrível pra mim” (Maria Beraldo¹) – quanto na questão da transgeneridade – “se falar de 10 anos atrás, que referência a gente tinha de pessoa trans no Brasil? De homem trans? De mulher trans a gente falava, mas era nos estereótipos, na visibilidade circense” (Gabriel Lodi²). Esses depoimentos confirmam, portanto, a relevância da problemática da pesquisa que havia sido levantada pelo referencial teórico proposto. O elemento central que une a maior parte dos relatos é o sentimento da não possibilidade de existência.

No caso dos artistas cisgênero homossexuais, além da falta de figuras de referência que atuassem de forma positiva no processo de entendimento de sua orientação sexual, eles destacaram a presença dessas figuras públicas e de sua vida privada que escondiam a orientação homossexual. “Eu tinha pessoas lésbicas à minha volta, mas ninguém era assumida, era uma coisa velada. [...] Eu tinha duas professoras de música, por exemplo, que eu sabia que elas eram um casal, só que não era dito, elas não tinham sinais, não era como um casal hétero. [...] Senti muita falta de figuras que convivessem comigo que fossem lésbicas assumidas. E mesmo na televisão ou na arte, não tinha. Tem muitas cantoras, toda uma geração de cantoras lésbicas, mas que elas nunca falaram

1. Mulher cisgênero homossexual, tinha 30 anos na data da entrevista, nasceu em Florianópolis e mora em São Paulo desde 2013. Em 2018, lançou seu trabalho solo, Cavala, um álbum com 10 músicas de autoria própria. Nesse mesmo ano foi indicada ao Prêmio APCA, da Associação Paulista de Críticos de Arte, nas categorias Artista Revelação, Melhor Disco e Show do Ano. Também foi indicada ao Prêmio Women's Music Event, uma plataforma de música focada no protagonismo da mulher, nas categorias Revelação do Ano, Melhor Produtora Musical e Melhor Instrumentista, no qual foi consagrada com o prêmio na categoria de Melhor Instrumentista.

2. Homem transvestigênera, tinha 31 anos na data da entrevista, nasceu em Vargem Grande do Sul, interior do Estado de São Paulo, e mora na cidade de São Paulo desde os 17 anos. Em 2018, foi uma das dez pessoas escolhidas como Melhor Revelação do Teatro pelo Blog do Arcajo no UOL, como reconhecimento por sua atuação na peça Cabaret Transperipatético, da Cia. de Teatro Os Satyros.

sobre isso. Também é meio parecido, todo mundo sabe, todo mundo sabia, é sabido, só que não se fala. E aí isso gera uma sensação de que é uma coisa errada, de que é proibido, de que você não pode” (Maria Beraldo).

O relato dos artistas trans enfatizou o não entendimento da possibilidade de existência como sujeitos diferentes da norma cisgênero. “Eu não me entendia como ser humano, não tava entendendo quem eu era, não existia ainda a possibilidade da existência como um homem trans, não sabia que isso era possível ser” (Gabriel Lodi). “De início é muito difícil porque é exatamente isso, a gente não tem referência, a gente não tem pessoas na televisão, nos filmes. Quem tem travesti na família? Você não pensa que isso tá na sua família, que isso é possível acontecer com você, de ser você. E aí eu cresci sem essa possibilidade em mente” (Marina Matheus³). Uma possibilidade de existência que passa por todos os âmbitos do que é existir como sujeito dentro da estrutura social. “No Brasil o que eu tinha de trans era travesti na rua, e é isso, é as putas na rua, a travesti da Augusta [...]. Era só esse referencial que eu tinha. Então, o que que eu vou ser? O que eu vou fazer da minha vida? Que possibilidade que eu tenho pra me manter, pra me sustentar, pra trabalhar? Onde eu vou trabalhar? Que que vai acontecer com meu corpo? Eu não sei. É tudo muito novo, é tudo muito experimental” (Gabriel Lodi). E dessa falta de entendimento, uma “agonia do sem nome, do vazio [...]. Meu sofrimento não tinha nome. Eu não conseguia denominar, eu não conseguia colocar no lugar” (Gabriel Lodi). Um vazio e uma solidão. “E aí é uma necessidade que eu acho que é intrínseca do ser humano que é o pertencimento. Eu não tinha pessoas [...]. Eu sempre vivi rodeado de pessoas, mas e a solidão de mim mesmo? Do pertencimento real? Do que eu sou? Primeiro a entender quem se é” (Gabriel Lodi).

Os artistas entrevistados, portanto, não somente concordam com a importância dessas figuras de referência como as consideram um elemento central desse processo de autoconhecimento. É necessário que haja “pequenas expressões de referenciais para que as novas gerações permitam se questionar, pelo menos, em lugares onde eu não pude me questionar, se permitam ter possibilidades de existência onde eu não pude ter possibilidade de existência” (Gabriel Lodi). Figuras com as quais possam se espelhar e se inspirar, mas, principalmente, possam se identificar. “Nosso aprendizado social é feito a partir de identificação. O que você constrói é sempre a partir da

3. Mulher travesti, tinha 25 anos na data da entrevista, nasceu em Americana, interior do Estado de São Paulo, e mora na cidade de São Paulo há quase nove anos. Em 2018, atuou na segunda temporada da série 3%, uma produção original da Netflix, e na primeira temporada da série Feras, exibida pela MTV Brasil. Também estreou como cantora com seu primeiro show, Trava. O show de estreia fez parte do Risco Festival, um evento que se propôs a dar visibilidade a artistas que dialogam, por exemplo, com questões de gênero e sexualidade.

O artista e sua importância na constituição de uma narrativa identitária para a comunidade LGBT

identificação e do rompimento com isso também. [...] Eu percebi que isso é uma coisa que fez muita falta na minha adolescência. Minha vida teria sido totalmente diferente se eu tivesse figuras preenchendo esse espaço que eu e muitas outras mulheres ocupam hoje” (Maria Beraldo).

Por fim, Gabriel Lodi deu um alerta sobre como a falta de referências, e o conseqüente não entendimento da possibilidade de existência, podem resultar no pensamento de que realmente não há como existir como sujeito. “A necessidade de não existir, que é o suicídio que permeia as mentes da não existência”.

Identificação do artista com figuras públicas e de sua vida privada

Mesmo tendo em vista a falta de figuras de referência, os artistas cisgênero foram questionados, então, sobre as poucas figuras que foram importantes para o entendimento da possibilidade de existência como sujeitos homossexuais. Seus relatos demonstraram a importância da identificação com figuras da comunidade LGBT de diversas expressões de gênero e sexualidade. Harley⁴ Ferreira, em São Paulo, e Emiliano Figueredo⁵, em Buenos Aires, destacaram, por exemplo, a figura dos homens cisgênero homossexuais que performam como *drag queens* e seu papel na desconstrução de estereótipos do gênero masculino. “Eu percebia desde muito pequeno que é muito empurrado uma masculinidade pra você, por mais que você seja gay: ‘seja gay, mas não seja tão gay assim’. Então, quando a Pablo⁶ surgiu e ela estourou do jeito que ela é, sendo uma *drag queen*, falando assim: ‘eu sou uma *drag queen*, não sou uma travesti, não sou uma trans’, mostra que sim, você pode ser um viado afeminado e tá onde você tá” (Harley Ferreira).

Emiliano Figueredo relatou também o papel das diversas figuras da comunidade LGBT na descoberta e no conseqüente entendimento de sua homossexualidade. “Creo que ahí se empezó a formar mi identidad”. Ele destacou o processo de identificação com essas pessoas e de como isso trouxe um sentimento de pertencimento a uma comunidade. “Bueno, mi adolescencia fue en los años 90 acá en Buenos Aires [...]. Y mis compañeros de teatro me empezaron a sacar a lugares, a llevar a pasear a lugares de la noche [...]. Eran discotecas de la comunidad LGBT donde había travestis,

4. Homem cisgênero homossexual, tinha 20 anos na data da entrevista e mora no Capão Redondo, periferia da cidade de São Paulo. É um dos componentes do Quebrada Queer, grupo no qual atua como cantor e compositor. Também trabalha em seu projeto solo, cujo primeiro álbum, Unlovers, com sete músicas, foi lançado em 2017.

5. Homem cisgênero homossexual, tinha 40 anos na data da entrevista e mora em Buenos Aires. É ator e estava em cartaz no momento da pesquisa de campo com 1990 Noches, uma peça de teatro baseada em sua vivência na cena LGBT de Buenos Aires na década de 1990, na qual interpreta uma *drag queen*.

6. Harley Ferreira se refere à cantora *drag queen* Pablo Vittar.

transexuales. Era como una especie de refugio y había mucho arte, mucha gente que se expresaba. [...]. Donde había un desfile, una obra de teatro, una cantante. [...] Y ahí yo salía de la infancia, entraba en la adolescencia y empezaba como mi despertar sexual también. Entonces, en esos lugares nocturnos, yo descubrí la sexualidad. [...] Y también empecé como a respetar como lo gay y un poco aceptarme también a mí mismo. Y al respetarme a mí mismo, y encontrarme en eso, y a sentirme identificado con esa gente, como que empecé a encontrar un grupo de pertenencia”.

Maria Beraldo também destacou o sentimento de identificação no entendimento de sua possibilidade de existência como mulher cisgênero homossexual. “Eu vim pra São Paulo e aqui a comunidade LGBT é muito mais inserida no mercado musical. Eu tocava e eu conheci várias mulheres lésbicas que estavam no circuito da música. Eu fui trabalhar com o Arrigo e metade da banda era mulher lésbica. E aí isso eu falei: ‘nossa, então dá pra ter uma vida normal’”.

Os artistas trans também foram questionados sobre as figuras que foram importantes para o entendimento da possibilidade de existência como sujeitos trans, travestis ou transvestigêneres. Seus relatos trouxeram à tona o processo de identificação a partir de ideais ou vivências semelhantes, sejam elas pessoas cisgênero ou pessoas trans com outra identidade de gênero. Gabriel Lodi, por exemplo, descreveu a construção de sua identidade como homem trans em duas etapas. Na primeira etapa, na falta de figuras de referência de homens trans, a identificação com o masculino se deu na figura de homens cisgênero – “eu tava me construindo dentro da cisgeneridade. [...] Como eu me construí como homem? Com todos os referenciais de masculinidade que a gente tem, ainda mais sendo um homem heterossexual”. A segunda etapa veio, então, a partir da reflexão sobre a reprodução do machismo e a necessidade de se diferenciar dos corpos cisgênero masculinos com o intuito de desconstruir padrões de masculinidade. “E aí a necessidade de me afirmar como um homem trans e não um homem cisgênero [...]. Quero sim ser reconhecido como um homem trans [...]. Não quero mais ser lido como um homem cisgênero porque eu não sou isso, eu não sou isso que tá dado, que foi construído”. A partir daí a identificação não somente a partir do gênero, mas também de ideais de como existir como um sujeito trans. “E aí a primeira tentativa de socialização com pessoas trans também é meio frustrada porque eu encontro homens trans também reproduzindo essa mesma masculinidade tóxica. [...] E a outra possibilidade de homens trans gays que eu também não me encaixava porque eu não era gay. [...] E aí eu encontro o traviariado, as travestis, maravilhosas, que aí eu falo tem muito mais gente muito mais alinhada” (Gabriel Lodi).

O artista e sua importância na constituição de uma narrativa identitária para a comunidade LGBT

Luh Maza⁷ apontou a figura de João Nery⁸, um homem trans com o qual se identifica dada a mesma vivência da transgeneridade, e da Laerte⁹, no que se refere à vivência de uma transição de gênero tardia. “Curiosamente, um homem trans, o João Nery, foi muito importante. Ler a história dele, a biografia dele, foi muito revelador pra mim enquanto condição trans, não como condição feminina, mas como condição de transgeneridade. Ali eu consegui me identificar muito bem. [...] Depois, mais recentemente, acompanhar a transição, por exemplo, da Laerte, que foi uma transição tardia de uma pessoa que também trabalha com o público, cuja imagem, o nome, também eram conhecidos, foi muito importante pra mim. De alguma forma me influenciou a perceber que é possível, que tudo bem, que eu não iria morrer, que eu não iria perder a minha carreira, minha vida, se eu me assumisse. Isso foi muito importante”.

A questão da identificação a partir de vivências semelhantes também apareceu na fala de todos os artistas trans entrevistados quando questionados sobre a autodenominação de sua identidade de gênero e os significados que as diferentes nomenclaturas carregam. Luh Maza, por exemplo, se autodenomina mulher trans porque não se identifica com as travestis brasileiras no que se refere à vivência social marginal. Marlene Wayar¹⁰, por sua vez, se autodenomina travesti a partir de sua identificação com a vivência não-cisgênero dos povos indígenas latino-americanos. Gabriel Lodi traz uma nova proposta de entendimento de seu corpo não-cisgênero. “Sou um corpo transvestigênera porque transvestigênera foi criado por Indianare Siqueira¹¹ e Erika Hilton¹², duas travestis numa mesa de bar. Essa é a nossa realidade.

7. Mulher trans, tinha 31 anos na data da entrevista, nasceu no Rio de Janeiro e mora em São Paulo. É dramaturga, roteirista, atriz e diretora, trabalha com teatro e com televisão. Atualmente, trabalha como roteirista da série de televisão *Sessão de Terapia*, dirigida por Selton Mello e exibida no canal GNT. Em 2018, foi uma das dez pessoas escolhidas como Melhor Revelação do Teatro pelo Blog do Arcanjo no UOL, como reconhecimento por sua atuação na peça *Cabaret Transperipatético*, da Cia. de Teatro Os Satyros.

8. João Nery é o primeiro homem trans a realizar a cirurgia de redesignação sexual no Brasil em 1977. Falecido em 2018, foi psicológico, escritor e ativista LGBT.

9. Laerte Coutinho, mulher trans, é considerada uma das mais importantes cartunistas e chargistas do Brasil.

10. Mulher travesti, tinha 49 anos na data da entrevista, nasceu em Córdoba, Argentina, e mora na cidade de Buenos Aires. É psicóloga social, ativista travesti, escritora, colunista do suplemento *Soy*, do jornal *Página/12*, editora do periódico *El Teje*, primeiro periódico travesti da América Latina. Em 2011, recebeu o prêmio *Lola Mora*, destinado a pessoas que trabalham em meios de comunicação transmitindo uma imagem da mulher que rompa com os estereótipos de gênero e promova a igualdade de direitos das mulheres. Em setembro de 2018, lançou o livro *Travesti: una teoría lo suficientemente buena*.

11. Indianare Siqueira, mulher transvestigênera, é ativista LGBT e Suplente Vereadora da cidade de São Paulo.

12. Erika Hilton, mulher transvestigênera, é ativista LGBT e co-Deputada Estadual de São Paulo pela Bancada Ativista.

Transexual e transgênero são dois termos criados pela medicina cisgênero branca, que são termos excludentes e classificatórios. Porque o transexual é classificado como aquele que tem aversão também ao seu genital e vai procurar uma readequação genital. O transgênero é só uma questão de adequação de gênero social. E aí, meu amor, em escala, a mulher transexual é mais mulher do que a mulher transgênero, que vai ser mais mulher que a travesti. E a gente continua excluindo corpos, a gente continua categorizando. [...] Enquanto eu, um homem que fiz mastectomia, não tenho peito mais, for mais homem do que o cara trans que não fez mastectomia e ainda tem peito, a gente tá excluindo corpos. Então, eu me sinto muito mais contemplado pelo termo transvestigênera”.

Apesar do relato de cada artista apontar experiências diferentes em seu processo de entendimento da possibilidade de existência como sujeitos, tanto os artistas cisgênero homossexuais, quanto os artistas trans, descreveram a importância da identificação com figuras da comunidade LGBT, sejam públicas ou de sua vida privada. E, mesmo que o tema do pertencimento não tenha sido mencionado pelo pesquisador, diversos artistas (Tchelo Gomez¹³, Emiliano Figueredo, Gabriel Lodi e Luh Maza) trouxeram essa questão à tona. Os relatos deixam transparecer que a identificação dos artistas com um grupo de pertencimento trouxe conforto psicológico. Dessa forma, esses relatos mostram-se em sintonia, e apresentam-se também como exemplos, dos conceitos de identificação e pertencimento apresentados no referencial teórico deste trabalho. Além disso, mesmo sendo resultados de experiências de vida diferentes, os depoimentos deixam evidente uma mesma essência, a importância da diversidade de modos de ser e de existir representada por essas figuras de referência, porque não há somente um único modo de existir como mulher ou homem cisgênero homossexual ou como mulher ou homem trans.

Artistas como figuras de referência para a comunidade LGBT

Após o questionamento sobre as figuras públicas e de sua vida privada que foram importantes para o entendimento da possibilidade de existência como sujeitos cisgênero homossexuais, trans ou não-binários, os artistas foram questionados sobre seu papel como figuras de referência para outras pessoas. Se acreditam que, por meio de seu trabalho artístico, se tornam figuras com as quais outras pessoas podem se inspirar, se espelhar ou se identificar e formar sua identidade, no sentido do entendimento da possibilidade de existência como sujeitos diferentes da norma social cisgênero heterossexual.

13. Homem cisgênero homossexual, tinha 26 anos na data da entrevista, nasceu em Osasco e mora em Barueri, Região Metropolitana de São Paulo. Atualmente, trabalha como cantor e compositor em seu projeto solo e no Quebrada Queer, que segundo ele é o primeiro grupo de rap LGBT da América Latina, composto por cinco homens cisgênero homossexuais e uma mulher cisgênero homossexual.

No caso dos músicos, que trabalham com o grande público, a resposta positiva foi imediata. “En cuanto a los testimonios que nos llegan existe esto, personas que dicen: ‘yo escuché sus canciones y transicioné pensando en la canción de ustedes’, [...] o ‘me atreví a pensar en esto de otra manera’, o ‘empecé a cuestionarme’, o ‘acepté esta realidad’” (Javiera Diego Fantin¹⁴). “Eu recebo muitas mensagens de meninas lésbicas e de meninas bissexuais, inclusive, falando que elas saíram do armário porque se sentiram seguras ouvindo minha música” (Maria Beraldo). “Tem muita gente que falou: ‘eu consegui me assumir depois que eu ouvi a música de vocês’” (Tchelo Gomez). “Várias meninas me escrevem falando que conseguiram contar pros pais ou conseguiram perceber que elas eram lésbicas porque elas viram que essa possibilidade existia. [...] Você vê que dá pra você ter uma vida normal, é um pouco essa sensação” (Maria Beraldo). “São confusões que a pessoa passa ali internamente, às vezes, por anos. Ter pessoas falando o que ela sempre quis falar, ou o que ela não sabia como falar, é muito importante. Eu reconheço o tamanho da importância que isso faz pra essas pessoas, da mesma forma que fez pra mim” (Tchelo Gomez). “Eu me sinto muito feliz de ocupar esse lugar de representatividade, e de espelho, e de dizer mesmo pras meninas que sim, a gente pode ser lésbica, ‘tá tudo bem, vou te apoiar’. É um apoio emocional mesmo” (Maria Beraldo).

Os artistas relataram, então, a motivação política que está por trás de seus trabalhos. “Muito mais do que estética, é política também” (Tchelo Gomez). “Me tornei uma figura pública por motivos políticos, é o que eu sinto. [...] Eu acho que a minha música ela surge por isso, na verdade. Eu comecei a minha música como compositora [...]. As coisas que eu precisava dizer eram essas. [...] E aí quando eu comecei a fazer shows, eu percebi que tinha muita gente precisando ouvir aquilo” (Maria Beraldo). “Hoje, pra mim, ser um ator, poder mostrar minha cara em qualquer lugar que seja, não é sobre construir uma carreira na atuação ou uma carreira como ator. Hoje, a possibilidade que vem sendo dada de mostrar minha cara, e colocar o meu corpo, e o meu rosto, e falar sobre qualquer assunto, seja ele relacionado à questão trans ou não, é a possibilidade de dar às outras pessoas que estão vindo depois de mim possibilidades de existência. Falar: ‘e dá pra ser o que você quiser ser’” (Gabriel Lodi). Nesse mesmo sentido Marina Matheus declarou: “a importância do meu trabalho enquanto artista hoje sendo uma travesti das artes. O que eu tô fazendo no mundo? [...] Se alguém está me vendo, eu posso tá afetando a vida dela [...]. Mesmo que ela

14. Tinha 38 anos na data da entrevista, mora na cidade de Buenos Aires e se identifica com a fluidez de gênero, não consegue definir sua identidade de gênero como feminina ou masculina, e se sente mais à vontade com a flexão dos pronomes de forma neutra utilizando a vogal “e” ou a consoante “x”. Junto de Ivi Colonna Olsen, compõe a banda BIFE, cujas canções são tangos não misóginos, cumbias não machistas, músicas que problematizam o amor romântico ou abordam o poliamor.

não seja como eu, como ninguém vai ser igual a ninguém, mas que ela tenha espaço de perceber que esses corpos existem, e que ela também pode ser um desses corpos”.

Referindo-se à peça Cabaret Transperipatético, cujo texto foi construído em conjunto com os atores inspirado em suas vivências, Luh Maza relatou: “ao ver ali as nossas histórias, por exemplo, no espetáculo, essas pessoas podem se identificar. E talvez entender melhor: ‘então, talvez seja por isso que eu penso ou eu sinto tal coisa’”. Ou seja, a exposição de suas histórias de vida também tem por objetivo ajudar as pessoas no entendimento de seus sentimentos porque “não é exatamente inspiração, é identificação. Eu acho que não provoço uma inspiração em alguém, o que acontece é que esse alguém pode se identificar, me perceber como um par, como alguém que também tem as questões ali que aquela pessoa tem” (Luh Maza). Nesse sentido, o artista pode ajudar a pessoa a entender esses sentimentos que “muitas vezes ainda nem colocou pra fora, muitas vezes ainda nem elaborou pra si própria. [...] Por isso que, pra mim, é tão importante a representatividade, pra que a gente permita que o público se reconheça, se identifique. Porque, senão, sem ter essas referências, talvez fique mais difícil se acolher e perceber por onde ir, ter ideias de caminhos pra ir em frente” (Luh Maza). “Eu falo, é a semente, é começar a ter pequenas expressões de referenciais para que as novas gerações permitam se questionar, pelo menos, em lugares onde eu não pude me questionar, se permitam ter possibilidades de existência onde eu não pude ter possibilidade de existência” (Gabriel Lodi).

Como escritora, psicóloga social e professora, Marlene Wayar, também se considera uma figura de referência sobre as possibilidades de existência de um corpo trans porque “cada travesti que sale del estereotipo de la prostitución está proponiendo. Y eso es urgente. Estamos proponiendo a las niñas, a los niños, que vienen, que pueden soñarse en lo que quieran. Las posibilidades de desarrollo son todas”. Marlene destaca a importância do afeto de sua família e das pessoas de seu convívio mais próximo como agente transformador em sua história de vida. “Creo que es mucho más profundo porque yo sí he estado en situación de prostitución. Sobreviví económicamente mucho tiempo en situación de prostitución. [...] Entonces, vuelvo a hacer psicología social y comunicación social. Esto demuestra dos cosas, no solo que está bien, yo hoy soy un otro para arriba, una travesti no estereotipada en lo prostitutivo, pero también que la prostitución es por razones del estereotipo en la cabeza de los demás. Ellos nos someten sistemáticamente a prostitución. De donde yo pude salir, y de donde yo pude salir por tener herramientas, por tener el amor de mi familia, por tener el abrazo en mi barrio, en mis grupos primarios”.

Conclusão

O relato dos artistas no que se refere a seu entendimento como figuras de referência confirma a hipótese de que as pessoas se identificam com a figura desses artistas e isso ajuda no processo de entendimento da possibilidade de existência como sujeitos cisgênero homossexuais, trans ou não-binários. Conscientes de que são figuras com as quais outras pessoas podem se identificar e da importância que isso tem no processo de entendimento da possibilidade de existência, já que eles também passaram, ou ainda passam, por esse mesmo processo, os artistas relatam a motivação política por trás de seu trabalho, assim como também, a exposição de questões de sua vida pessoal. A exposição de questões pessoais acontece no relacionamento com o público por meio das redes sociais e no conteúdo do trabalho artístico, como, por exemplo, letras de música que representam experiências vividas, ou mesmo o texto autobiográfico da peça de teatro na qual Luh Maza e Gabriel Lodi atuam. Mesmo que o tema do pertencimento não tenha sido mencionado pelo pesquisador na entrevista, alguns artistas trouxeram essa questão à tona dizendo que a identificação gera o sentimento de pertencimento a uma comunidade, o que traz conforto psicológico para o sujeito LGBT.

Por carecer de maior representatividade, a fala sobre como a exposição das vivências gera identificação e o consequente entendimento da possibilidade de existência aparecem com mais ênfase no relato dos artistas trans. Eles relataram, inclusive, a representatividade fora dos palcos. Sua simples presença nos diversos ambientes já é considerada representatividade. Primeiro, porque atuam nesses espaços também como figuras com as quais outras pessoas trans podem se identificar. E, segundo, porque demonstram que pessoas trans podem ocupar todas as funções sociais, são exemplos das diversas possibilidades de existência para corpos trans. Os artistas destacaram, portanto, a importância cada vez maior da representatividade para que esse processo de identificação aconteça.

Extrapolando as vivências de cada artista e pensando na comunidade LGBT como um todo, acredita-se que, da mesma forma como foi possível criar a “narrativa da nação” (Hall, 2015), os artistas LGBT teriam um papel importante na exposição de diferentes vivências que representam uma narrativa cultural da comunidade LGBT. Essa narrativa identitária pode atuar de forma a fortalecer a comunidade e a equilibrar a relação de poder entre os sujeitos LGBT e os demais sujeitos sociais. É necessário, portanto, fortalecer a figura do artista LGBT com iniciativas públicas e privadas que visem dar maior visibilidade a esses artistas. Não se trata de pensar numa cultura marginal, mas de garantir os direitos como sujeitos sociais e culturais da pessoa LGBT, e equilibrar a inter-relação entre a comunidade LGBT e as demais comunidades da sociedade na qual está inserida. “O sistema comunitário é a legítima união de uma pluralidade de comunidades concretas de todo tipo, assim como a comunidade concreta é a legítima união de uma pluralidade de homens” (Buber, 2012, p. 48).

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.